

A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO UNIVERSO RELIGIOSO

THE FIRST PRE-HISTORICAL MANIFESTATION OF THE RELIGIOUS UNIVERSE

Patrícia Duarte

Mestranda da Pós-Graduação em Ciências das Religiões-UFPB

pawenyster@gmail.com

Resumo

Essa produção textual apresenta um levantamento de um estudo sobre as primeiras manifestações do sagrado. Essas manifestações foram datadas no Paleolítico Superior através dos estudos realizados pela arqueologia. Essas pesquisas tiveram as contribuições de disciplinas que auxiliaram a arqueologia, uma vez que nesse período não havia documentos escritos sobre a história do homem pré-histórico. O estudo foi feito a partir da cultural material deixada pelos primitivos. Os autores que possibilitaram a realização desse estudo de forma que venha a contribuir com a temática foram Eliade, Lévi-Strauss, Martin, Mithen. Os trabalhos dos autores evidenciam a importância de se realizar pesquisas voltadas para a arte rupestre. Buscando assim entendê-la e descobrir informações importantes como aponta Eliade que os registros rupestres foram os primeiros indícios que proveram os momentos iniciais da busca do ser humano e o seu transcendente, ou seja, a primeira manifestação do sagrado.

Palavras-chave: Pré-história; Arte Rupestre; Universo Religioso; Transcendente.

Abstract

This textual production presents a research study about the first manifestations of the sacred. These events were dated from the Upper Paleolithic, based on archeology's studies. These studies had the contribution of disciplines that helped the archeology, since that in this period there was no written documents about the history of prehistoric men. The study was made from the cultural materials left by the ancients. The authors who made possible to conduct this study, contributing significantly to the theme were Eliade, Levi-Strauss, Martin, Mithen. The works of the authors showed the importance of conducting the researches, focusing the art on rock. We seek to understand it and find out important information. As Eliade points out, when speaking to the rock records were the first evidences that provided the early stages of the search of the human subject and its transcendent, in other words, the first manifestations of the sacred.

Keywords: Prehistoric; Rock Art; Religious Universe; Transcendent.

Introdução

O estudo sobre a origem da religião tem sido um trabalho árduo, pois requer uma leitura muito aprofundada tornando a pesquisa exaustiva e específica, uma vez que a pesquisa refere-se há um tempo que não era provido de documentos escritos porque o homem primitivo do Paleolítico Superior ainda não tinha desenvolvido a escrita, suas representações não verbais eram através de símbolos em blocos rochosos conhecidos como arte rupestre, termo consagrado para indicar as primeiras formas de escrita pré-histórica em que continha tanto gravura como pintura configurando elementos da natureza como imagens de zoomorfos, ou seja, figuras de animais; imagens antropomorfas, ou seja, figuras humanas ou partes dela como as mãos. As informações possíveis de serem extraídas sobre a arte rupestre foram levantadas a partir dos estudos arqueológicos, antropológicos, filosóficos, históricos e psicológicos. Essas áreas foram fundamentais para que a pesquisa fosse realizada de forma bastante satisfatória, pois sem suas contribuições não seria possível desvendar como originou a religião, ou seja, em que momento o homem percebeu a necessidade de ter uma relação com o seu transcendente.

Não se sabe ainda em que momento o homem passa a ter o seu senso crítico passando a ter, o interesse pela observação, pela objetividade e esse interesse e ou preocupação com a objetividade foi uma importante manifestação da racionalidade humana. Nesse sentido,

A racionalidade não é tudo para o sentido e suas produções. As ações humanas são misteriosas e imprevisíveis, e parecem decorrer de uma relação nem sempre clara entre a força da paixão e o discernimento do intelecto. As justificativas para conturbada relação entre paixão (Eros) e intelecto (Psique) variavam conforme as crenças dos povos. Quem pode antever o juízo de alguém? Cada humano traz seu próprio entendimento das coisas e, por conseguinte, tudo cai no relativo, no pessoal o no subjetivo (Gomes, 2004 p. 33).

As palavras acima demonstram que mesmo com os estudos aprofundados da psicologia em busca da origem da psique humana não foi possível revelar exatamente quando se processou a racionalidade humana. Trata-se de um mistério que ainda não foi descoberto só se sabe que houve uma diferença na caixa craniana dos primitivos e dos demais primatas permitindo que os homens da pré-história fossem providos de elementos como: o aumento da área visual, o acionamento da mão, a memória visual,

capacidade de iniciar uma tarefa, de prestar atenção a ela enquanto está sendo executada e de perseverar nela (Bronowski, 1997, p.19) que os caracterizaram de forma diferente dos demais animais. Esses elementos foram os responsáveis pela presença da racionalidade, consciência, inteligência, percepção, discernimento, paixão, ódio, amor, ética, moral e todos os sentimentos e regras presentes na vida dos seres humanos que o traga conhecimento.

A partir das mudanças biológicas no cérebro do homem primitivo foi possível o desenvolvimento dos seus sentidos que antes não eram desenvolvidos como a visão e a audição, ou seja, o homem não tinha tanta habilidade com os seus sentidos não provia da seleção dos sons e dos elementos que compõem a natureza. Através dessa habilidade em desenvolver seus sentidos o ser humano deixa de ser um elemento que compõem a natureza e passa a ser um agente transformador, o ser humano se submete à natureza, mas busca ampliar os seus limites para se impor a natureza visando desvendá-la para decifrar os seus enigmas que lhe são impostos. Dessa forma, podemos dizer que é através do conhecimento que o homem realiza condições para sua sobrevivência e assim elaborar planos de ação e prever situações não experimentadas.

As condições que diferenciaram o ser humano dos demais animais foram “a capacidade de emitir sentenças cognitivas e conseqüentemente, a capacidade de exercitar o conhecimento e a imaginação que é exclusiva do animal homem (Bronowski 1997, p.11) uma vez que, a imaginação é derivada da criação de imagens na mente e as imagens só podem ser internalizadas no nosso consciente através do olho, essa capacidade de internalizar para depois externalizar é característica fundamental do ser humano porque o mesmo se utiliza do sentido da visão para produzir arte e o sentido da fala para produzir som, poesia, romance, teatro música etc., pois Bronowski (1997, p.12) relata que os dois sentidos que dominam o nosso panorama são “a visão que domina a nossa perspectiva do mundo exterior e a audição é usada amplamente para o estabelecimento de contato com outras pessoas ou com outras coisas vistas”, ou seja a visão nos possibilita dar informação em relação ao mundo e o som nos possibilita dar informação sobre outras coisas, pessoas e o mundo em geral.

Nas palavras de Bronowski (1997) ao relatar o desenvolvimento dos sentidos do ser humano em que enfatiza a visão como o sentido primordial responsável pela capacidade de imaginar, de fazer planos e de fazer tudo que ele possa realizar enquanto idealizador das coisas estão ligadas à questão do “livre arbítrio”, e na sua visão livre arbítrio nada mais é que a “visualização de alternativas e capacidade de escolha entre

elas” (Bronowski 1997, p.16). Mas essa capacidade de escolha só foi possível, partir do aparecimento da consciência humana que possibilitou ao ser humano processar idéias distinguir o que lhe é conveniente do que não é. Partindo desse prisma fica claro que o homem produtor da arte rupestre possuía uma consciência e uma inteligência a ponto de escolher as imagens expostas nas paredes rochosas. Essa afirmação só poderá ser aceita como verdadeira se entendermos a consciência como uma intuição imediata que o homem possui sobre seus estados físicos e mentais, e dos seus atos. A partir dessa consciência a humanidade passou a controlar os seus sentidos e utilizar melhor as suas funções como a ato de ficar ereto facilitou a sua visibilidade de modo geral inclusive no espaço que ocupava tendo noções preliminares como esquerda, direita, frente, atrás dente outras.

A arte rupestre: e seu tempo sagrado

O tempo passou a ser desvalorizado como sagrado quando a história se dissociou da filosofia o conceito de tempo tem uma nova roupagem antes era considerado sagrado escatológico ao perder o seu sacralismo que antes era providencia divina passou a ser a vontade dos homens. O tempo deixa de ser o orientador natural dos serem vivos inclusive o homem para ser controlado por instrumentos, primeiro os sinos da igreja e depois os relógios. A dessacralização do tempo tornou o homem mais afastado do sagrado quanto mais moderno ela seja mais dessacralizado ela se torna. O tempo era a explicação causal primária e elementar para os povos primitivos. No mundo atual o tempo está dividido em duas categorias: Tempo Cronológico – é uma das dimensões a serem trabalhadas. O tempo do relógio, do passar dos dias, dos eventos, da seqüência dos meses, dos anos, etc. que seguem calendários diferenciados como o gregoriano, o chinês, o judaico, cujas datações diferem por históricos referenciados pela religiosidade e pela cultura. E o Tempo Histórico – é o tempo do significado dos processos de desenvolvimento técnico, produtivo, das dimensões consideradas relevantes pelos grupos dominantes em oposição aos dominados em determinadas sociedades.

O tempo sagrado possui a mesma importância que o espaço sagrado tem na construção a constrição do Cosmo para o homem religioso. Seguindo uma estrutura semelhante, o tempo sagrado também está em oposição ao tempo profano, que é vivido continuamente e sem volta. Segundo Eliade, é sobretudo em relação ao tempo vivido

pelo homem religioso que podemos melhor entender a dicotomia entre sagrado e profano, uma vez que ai se faz presente, através de ritos, uma delimitação entre eles.

Nas sociedades primitivas o tempo é um elemento sagrado porque é ele o responsável pela estrutura do processar das coisas, ou seja, pelas mudanças que ocorrem e que não estão ou fogem dos limites humanos. Como cada nascer do sol e cada fase da lua que não dependo do tempo humano e sim do tempo do sobrenatural que determina o tempo para cada coisa. Mas, o homem primitivo não aceita só ver o processar desse tempo e sim ele quer reviver esse tempo buscando se aproximar cada vez mais dos elementos que dependem do tempo para está sempre retornando para mundo dos mortais, ou seja, o nosso mundo. E para está próximo desse mundo dos imortais, ou do sobrenatural o homem pré-histórico busca reviver o tempo sagrado através das produções das imagens nas paredes porque para ele aquelas imagens têm um poder mágico-religioso.

Sabendo que toda ação acontece em lugar específico e em um determinado tempo, a arte rupestre e a possível inferência do rito, teve seu lugar específico para ser produzida e seu tempo. Esse último ícone não se sabe ao certo em que período se parou de produzir, as figuras nas cavernas e por qual razão. Há especulação de que as circunstâncias para o encerramento dessa atividade poderão está ligada à falta de sentido para o grupo. Porque a arte rupestre como relatou Gordon Childe (1942), ao descrever que na França encontrou uma caverna possivelmente habitada por gravetianos e seus descendentes magdalenianos, com figuras de animais bem nítidas dando a entender que seus produtores tinham um poder de observação bastante específico e consciente transportando poderes mágicos para as imagens transcritas nas paredes nas cavernas,

Na verdade, era tão importante essa arte mágica no consenso da sociedade do paleolítico superior que os magos-artistas podem ter sido dispensados das tarefas práticas de caçar para se concentrar na execução de um ritual que se julgava mais produtivo. Receberiam uma parte do resultado da caça como recompensa de uma participação puramente espiritual em suas peripécias e perigos. Pelo menos, aquelas figuras são tão magistrais que parecem o trabalho de artesãos treinados e especializados. [...] (Childe, 1942, p 43).

O autor entendia que a arte rupestre era importante para o grupo do paleolítico superior que a consideravam como arte mágica e os que produziram eram chamados de magos-artistas, essa prática era considerada como uma atividade que dá status a

sociedade porque os magos-artistas conforme o relato de Gordon Childe (1942) foram dispensados das tarefas comuns sendo sustentados pelo grupo por ser considerados os responsáveis por garantir a sobrevivência de todos, onde as manifestações estariam voltadas para ritos magia-propiciatória.

A reprodução era a mais fiel possível às imagens de animais que provavelmente estariam mortos, sendo um de cada vez, ou seja, eles não desenhavam todos no mesmo espaço. Isso nos leva a crer que a arte rupestre poderia estar voltada para o registro de atos cotidianos. Acabando por assumir uma dimensão ritualística, necessitando de muita concentração e abstração. Construindo uma relação em que os atributos do desenho estariam relacionados ao que queria conseguir na realidade e essa prática foi ganhando força e tornou uma atividade tradicional para a sobrevivência do grupo, pois, sem a presença dos desenhos não haveria uma boa caça, pesca ou até mesmo a fertilidade seguradora da multiplicação do grupo.

Mesmos com os avanços dos estudos sobre a arte rupestre ainda não temos como fechar a lacuna no que se refere à compreensão e ao significado dessa produção em decorrente de não se ter acesso aos seus produtores. Por isso tempo e espaço-cultural podem se constituir como base para se compreender os ritos, de povos agrafos e assim aprofundar tal temática. Alguns ritos no decorrer do tempo podem ser comunicados apreendidos interpretados, às vezes reproduzidos muitas vezes podem ser conservados dando início ou integrando uma tradição. Já no caso da arte rupestre não como preservar o tempo e o espaço sagrado para esse registro pré-histórico.

O homem primitivo vivia em constante busca do tempo sagrado, ou seja, do tempo dos ancestrais que: “o tempo sagrado se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos” (Eliade 2008 b p.64). O homem primitivo religioso estava sempre se esforçando para retornar ao tempo sagrado o tempo da imortalidade. O tempo para o homem arcaico como, já relatamos é diferente para o homem moderno, o tempo sagrado é periodicamente é revivido nas sociedades arcaicas, trata-se de um tempo mítico, de um tempo primordial que não se insere no contexto do tempo histórico. O tempo também foi o responsável por definir e explicar a natureza humana, as diferentes crenças as diferentes civilizações todas as coisas possíveis de serem realizadas pelo ser humano inclusive a arte rupestre. O passado para ao homem primitivo é um tempo sagrado porque relembra os antepassados (Gonçalves, 2001 p.77).

A produção da arte rupestre foi realizada em um tempo primordial que possivelmente abrangiu quase todas as sociedades do Paleolítico Superior tornando a arte rupestre um fenômeno específico do período citado. Essa produção pré-histórica só foi possível devido às mudanças biológicas ocorridas no ser humano fomentando o aparecimento das manifestações da consciência que foram visíveis e estão presentes nos sentimentos humanos. O período da produção da arte rupestre foi um tempo sagrado para seus produtores porque eles não a produziram de forma aleatória, por já possuírem consciência, isso fica claro com e as figuras expostas nas paredes rochosas.

A arte rupestre: e seu espaço sagrado

O espaço não pode ser dissociado da noção de tempo. O homem produz socialmente o espaço e com ele articula seus modos de vida. Não é possível encontrar a natureza sem o homem, ou seja, sem um espaço fixo o sagrado o real e o espaço profano onde realizam suas atividades cotidianas. A própria paisagem é fruto dos processos históricos sociais transformados pelo ser humano. Desse modo, entender a espacialidade das relações sociais supõe o reconhecimento das dimensões mais simples (lateralidade, verticalidade, horizontalidade) e devem ser percebidas não por adultos, mas, também pelas crianças. Na formulação de representações espaciais já desenvolvendo a noção do espaço próximo e distante, os espaços sagrados para rituais e espaços reservados para as atividades do cotidiano como a caça, a pesca, a colheita, cozer os alimentos dentre outras.

Para validar a produção dos grafismos pré-históricos como produção ritualística se faz necessário enfatizar o espaço onde está localizado, pois como a revelação do espaço é fundamental para que haja o limite e as diferenças dos espaços existentes no território ocupado. A escolha ou revelação do espaço sagrado como diz Eliade (2008 b) necessariamente não seguem o mesmo ritual, cada espaço tem sua originalidade e sua construção obedece a seguimentos diferentes. Conforme a teoria de Eliade (2008 b) cada espaço onde se encontra as pinturas rupestres podem ter sido revelado ao grupo porque as pinturas estão sempre em lugares altos de difícil acesso e geralmente são lugares contemplativos centralizados possibilitando uma visão geral dos demais espaços. Tanto o espaço sagrado como os símbolos que foram produzidos nos blocos rochosos não foram revelados e ou escolhidos da mesma forma, pois a arte rupestre não

teve só um tipo de produtores por isso não podemos afirmar que os símbolos tenham os mesmos significados porque cada grupo tem a sua cultura, suas crenças e seus valores.

Nesse sentido o espaço que o homem primitivo vivia era aberto possibilitando o constante acesso ao transcendente que tinham sua morada ente o céu e terra ocupando os lugares mais elevados tornando assim esses lugares em sagrados, “onde a rotura do nível estava simbolicamente assegurada e a comunicação com o outro mundo, o mundo transcendental, era ritualmente possível” [...] (Eliade 2008 b p.43).

Nessa perspectiva o espaço sagrado é revelado, a sua construção permite o homem percebe que os espaços são heterogêneos. O espaço sagrado representa um lugar mais contemplativo e tem significativo real, ou seja, é a parti do espaço sagrado que o homem primordial divide todo o território que habita, pois o espaço sagrado é o ponto fixo o ponto central dando início ao mundo, ou seja, estabelece limites. Para o homem religioso tudo começa com a construção do espaço sagrado e esse espaço era sempre em lugares altos reais e vivos como montanha, monte, serra, colina, morro e outras formas de relevo localizadas nos pontos mais elevado do espaço revelado como sagrado. O espaço sagrado pode ser revelado por um sinal seja ele qual for, qualquer coisa que não pertencesse ao mundo da não realidade isto é o mundo que vivemos. Para melhor elucidar a questão do sinal que revela o espaço sagrado temos a lenda do morabito que fundou El-Hermel no fim do século XVI. Conta à lenda segundo Eliade (2008 b) que o morabito parou para descansar e pernoitar. Próximo a uma fonte cravou a vara na terra e no dia seguinte foi o morabito pegar a vara e a mesma estava fixa no solo e tinha germinado. Ao ver o que aconteceu com a vara viu que não era mais preciso continuar a caminhada, para ele era um sinal divino para construir sua morada e se fixar naquele espaço.

O tempo e o espaço para as sociedades arcaicas são caracterizados de muitas formas com o auxílio de elementos na natureza como o sol, água, estrelas lua, dia, noite, terra e céu (Gonçalves, 2001 p.77). Cada elemento da natureza tem seu recurso próprio que auxilia o homem primitivo para dividir o tempo e o espaço do cosmo, pois são os elementos da natureza cada qual com sua função que fomenta o ser humano com sua capacidade de distinguir a funcionalidade dos elementos. E assim o classifica conforme lhes é conveniente, porque para cada sociedade arcaica os elementos foram classificados de forma diferente, ou seja, cada elemento da natureza constitui um valor diferente e esse valor é de acordo com a cultura de cada sociedade que é associado aos seus mitos de origem.

A importância de se estudar a arte rupestre como precursora da religião na pré-história

Segundo os levantamentos bibliográficos foi no período Paleolítico Superior que foi encontrado os primeiros vestígios referentes ao mundo religioso, essa manifestação religiosa que ligava o homem primitivo ao seu transcendente está presente na arte rupestre como relata o historiador de Religiões Eliade (1983) as primeiras indicações arqueológicas referentes ao Universo religioso do caçador paleolítico remontam a arte rupestre franco-cantábrica (~30.000). Essa afirmação comprova que a arte rupestre foi um registro pré-histórico que mais deixa claro a intencionalidade do homem primitivo ao tentar expressar as suas crenças e idéias a partir das pinturas rupestres em blocos rochosos. Essa pesquisa demonstra que a arte rupestre foi a primeira indicação alusiva ao universo religioso, ou seja, foi na arte rupestre que se encontrou os primeiros indícios da manifestação religiosa do ser humano, através das pinturas pré-históricas.

Eliade (1983) ao sintetizar a exposição de J.Haeckel, ele relata que os caçadores primitivos do Paleolítico Superior viam os animais como seus semelhantes e que os mesmos possuíam poderes sobrenaturais. Eles acreditavam que ambos pudessem transformar-se em animal e vice-versa, acreditavam que as almas dos mortos pudessem entrar nos animais e assim estabelecer uma relação misteriosa entre um indivíduo e um determinado animal.

Nas linhas desse trabalho se enfatiza a partir da arte rupestre o entendimento das possíveis práticas ritualísticas dos povos primitivos na produção dos grafismos pré-históricos. O tema proposto pela revista é bastante propício para a produção desse texto mais porque, nos leva a verificar que o estudo dos símbolos pode nos dá informações precisas sobre os povos pré-históricos e dessa forma podemos conhecer mais sobre a nossa história. Pois é a partir desses povos que iremos obter mais conhecimentos sobre a vida social, cultural, econômica e como se processou a vida espiritual da humanidade, já que não podemos remeter a palavra religião porque estamos tratando de um período que ainda não se trabalhava com esse termo que é o Período Paleolítico Superior. Mas, subentende que foi a partir das práticas ritualísticas do transcendente que surgiu a religião, se entendermos essas práticas como rito que invocam os seus ancestrais que de certa forma é uma prática sagrada. Os termos sagrado, profano e religião ainda não eram

usados para expressar as práticas que buscavam a ligação entre o homem e o seu superior, ou seja, seu transcendente.

Realizar um estudo sobre arte rupestre buscando inferir a questão do rito, do mito e do sagrado no ato da sua produção implica estudar sobre as idéias e as crenças religiosas desse homem pré-histórico que possuía uma consciência dotada de inteligência. E já era capaz de fazer uma relação entre ele mesmo e o outro ser considerado o Senhor criador de todas as coisas que poderia ser representado por um animal ou por qualquer elemento da natureza. Tendo em vista que os documentos arqueológicos não tenham registros das manifestações religiosas a partir das crenças e das idéias dos primeiros seres humanos

Ao estudarmos a arte rupestre como testemunho de atividades e relações humanas buscamos identificar os seus autores através da observação de suas práticas cotidianas e as técnicas no processo de produção das sinalações. E essas observações foram possíveis por meio da arqueologia. A arqueologia rupestre termo empregado em Val Camonica na Itália em 1989 foi devido à necessidade de se ter o estudo da arte rupestre como disciplina arqueológica, (Aguiar. R, 2002), já que estudar a arte rupestre associada à cultura material amplia o leque da arqueologia.

O conceito de arte rupestre é ambíguo porque sua formação tem dimensões diferentes uma está ligada à estética, e outra a comunicação. Nesse sentido "por arte rupestre podemos entender toda forma de expressão gráfica, tendo como material de suporte qualquer superfície rochosa". (Aguiar. R, 2002, p.6). A arte rupestre como relata o autor são representações gráficas que tem contribuído de forma bastante significativa no que se refere a pré-história por nos fornecer informações sobre as práticas cotidianas das sociedades primitivas que utilizavam os suportes rochosos tanto para as manifestações de arte rupestre como para moradia e abrigo.

Dentro do estudo da arte rupestre ao fazer as primeiras observações surgem às primeiras hipóteses que são justamente as explicações provisórias dos fenômenos estudados, ou seja, é a interpretação provisória que deverá ser ou não confirmada diante do aprofundamento das análises sugerida pelos fatos. E partir desse momento a reorganização dos fatos é fundamental para tentar explicar de acordo com uma ordem lógica o objeto de estudo. Neste sentido a arte rupestre é uma área do conhecimento da arqueologia que tem métodos e critérios confiáveis que vem contribuindo para o estudo do passado da humanidade. Através da observação dos grafismos é possível verificar

que o homem pré-histórico conhecia a técnica da pintura e da gravação e possuía um conjunto de signo que podem ser marcadores de identidades culturais.

Dessa forma há como enfatizar que a arte rupestre é um fenômeno possível de encontrar em várias sociedades pré-históricas e que faz parte da vida cultural dessas sociedades. Assim, o domínio da arte rupestre nas sociedades consideradas simples está particularmente integrado á rotina da comunidade, reforça tradições e tende a estar vinculada ao domínio ritual. (Gaspar, 2003, p.10). A afirmação do referido autor em relação as sociedade mais simples ao situar a arte rupestre dentro dessas sociedades deixa claro que a arte rupestre está inserida dentro de um ritual de rotina, mas que não deixa de ser um ritual sagrado.

O homem é o único animal provido de consciência isto foi provado nas diversas experiências realizadas com o cérebro humano e com o cérebro de outros animais ao longo do tempo. Essa consciência é que faz o homem ser um animal diferenciado dos demais, é a consciência que o fez ser um ser espiritual dotado de um desejo de querer está próximo do Ser criador e está sempre buscando imitar a criação a qual não a fez, mas sabe que é parte dela. É partir dessa consciência, que o ser humano e a ter experiência que o ser humano passou a ter convicção de que existe algo real no mundo possível de ser captado e revelado, essa convicção do real está ligado a descoberta do sagrado.

Através da arte rupestre é possível conhecer a representatividade do mundo exterior dos primitivos e verificar que eles tinham a consciência de serem dotados por Deus, mas que também eram seres dotados de capacidades físicas, psíquicas, culturais sociais de forma limitada. Essas percepções de suas limitações se dão com a funcionalidade dos sentidos em que é percebido que o olho nem tudo ver mediante a grandiosidade do espaço do cosmo e que o ouvido nem tudo pode escutar mediante aos diversos sons e a distância que se estar dos mesmos.

Não se pode imaginar o ser humano não ter a sua ligação com o sagrado por mais profano que ele seja no seu íntimo tem um pouco da sacralização, pois é a experiência com o sagrado que o torna ser ou o faz ser um ser humano. No entanto podemos enfatizar que o homem produtor da arte rupestre não era um ser desprovido do sagrado. Porque o mesmo através de suas pinturas imitava o que via de real na natureza, ou seja, a partir da sua experiência pessoal ou coletiva construiu certo simbolismo representado por imagens contendo figuras de zoomorfos e antropomorfos, ou seja, figuras que representam animais e figuras humanas.

A arte rupestre é um tipo de produção pré-histórica que só nos revela as possíveis técnicas utilizadas para a sua produção, mas, não revela os pensamentos dos seus produtores, seus sentimentos, suas imaginações, e nem revela o que eles esperavam obter ao produzirem esses registros pré-históricos.

Eliade (1983) ao sintetizar a exposição de J.Haeckel, ele relata que os caçadores primitivos do Paleolítico Superior viam os animais como seus semelhantes e que os mesmos possuíam poderes sobrenaturais. Eles acreditavam que ambos pudessem transformar-se em animal e vice-versa, acreditavam que as almas dos mortos pudessem entrar nos animais e assim estabelecer uma relação misteriosa entre um indivíduo e um determinado animal.

Segundo Eliade (2008 b) o homem passa a ter conhecimento do sagrado porque este se manifesta mostrando-se como algo absolutamente diferente do profano. Essa manifestação é percebida desde a pré-história quando o homem primitivo seleciona e classifica lugares, objetos e determinados elementos da natureza, seja ele ser vivo ou não que não fazem parte do seu cotidiano; como uma pedra, uma árvore que não são vistos e adorados como árvores, pedras e sim como coisas sagradas ou hierofania revelando que determinado objeto ou coisa ou espaço já não são reconhecidos como tal. Por essa razão,

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o *sagrado* equivale ao *poder*, em última análise, à *realidade* por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. [...]. O sagrado significa o real. É, portanto que o homem religioso deseje profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder. (Eliade, 2008 b, p.18).

Trabalhar o processo da produção da arte rupestre nos possibilita observar que os grafismos realizados em blocos rochosos podem revelar dados importantes no que se refere ao processo cognitivo do pensamento primitivo. E a partir dessa representação considera-se que a arte rupestre é um forte indício para representar a imaginação ou abstração nos acervos de símbolos para chegar ao resultado da externalização ou concretização do que se quer representar, expressando uma forma de relação com o mesmo. Esta afirmação pode ser reforçada com as palavras de Handy e Pukui, (1958,

p.119 apud Lévi-Strauss, 2008, p.18) ao pesquisar os índios na Oceania se pode verificar que:

As faculdades aguçadas dos indígenas lhes permitiam notar exatamente os caracteres genéricos de todas as espécies de seres vivos, terrestres e marinhos, assim como as mais sutis mudanças dos fenômenos naturais tais como o vento, a luz, as cores do tempo, as ondulações das vagas. As variações da ressacas, as correntes aquáticas e aéreas.

Através das palavras citadas podemos verificar que povos indígenas pré-históricos eram providos de inteligência tão quanto o indígena atual, em que tinham a percepção do mundo das espécies e suas diferença tanto no mundo animal como no mundo vegetal. Conheciam a variação do tempo e dos elementos que compõem a natureza. Esse conhecimento era passado de geração a geração por meio da tradição oral que permitiu repassar a sabedoria dos antepassados para os seus descendentes. Dessa forma o conhecimento se expandiu entre os membros dos grupos fortalecendo a cultura os costumes, crenças e tradições.

Para que houvesse essa multiplicação de conhecimento foi necessário o uso da memória que possibilitou ao ser humano preservar a sua história seja ela baseada em fatos possíveis de serem provados cientificamente ou por mitos. Mas pra se ter acesso à história das sociedades pré-históricas é necessário iniciar a pesquisa com os levantamentos arqueológicos, pois é a arqueologia que realiza esse tipo de pesquisa sendo a mesma uma importante área e conhecimento no âmbito das sociedades sem escrita. A arqueologia com seus métodos próprios reconstitui o passado dessas sociedades, possibilitando a revelar informações sobre a vida cotidiana e sagrada dos antepassados. Nesse sentido se faz necessário enfatizar,

A importância da arqueologia enquanto ciência, que reconstitui o passado buscando integrar as manifestações culturais; as questões ambientais de uma forma específica abordando os diversos espaços ambientais. Que só é possível preservar os patrimônios já abordados no longo da pesquisa se forem incluídos no cotidiano e na história da população que convive com esses tipos de patrimônios, abordamos sobre a questão da identidade como forma de se integrar e ou reintegrar a um grupo ou cultura, sobre a questão da memória que vai nos levar a identidade cultural e a preservação dos bens patrimoniais. (Duarte, 2005).

Porque a arqueologia através da arte rupestre irá reconstituir o cotidiano preservando assim a memória do povo pré-histórico, com um trabalho de resgate dos vestígios e informações das populações pré-históricas é essencial para que haja um melhor entendimento destas populações e uma interação da população remanescente com esses vestígios arqueológicos. A arqueologia ao recuperar as informações através da cultura material nos proporciona uma grande contribuição de caráter essencial, por se tratar de informações que não estão mais na memória do indivíduo e busca representar e estabelecer uma identidade. A arte rupestre nos possibilita obter informações sobre as sociedades que a executaram através do processo de produção dos painéis, quer sejam em gravuras e ou pinturas, iniciando um estudo preliminar e significativo tendo como objetivo a busca do seu entendimento favorecendo assim a contextualização dos grafismos. Para entende a arte rupestre como uma fonte e documento pré-histórico é necessário ter um conhecimento aprofundado sobre os símbolos que estão fixados nas paredes do suporte rochoso. Nesse sentido é importante conhecer como profundidade a composição dos tipos de grafismos que está assim classificado:

Os grafismos puros são representações que Leroi-Gourham definiu como nível geométrico puro, e constituem as figuras pintadas ou gravadas que não identificamos. Correspondem os grafismos que comumente são chamados de “geométricos”, “astronômicos” e “abstratos”. Nessas definições são refletidas, naturalmente, o nosso universo e não o universo indígena que representam e não conhecemos.[...]; **os grafismos de composição** estão representados por figuras que podem ser conhecidas, sejam antropomorfos, zoomorfos ou fitomorfos. O grau de identificação varia, dependendo da tendência mais ou menos naturalista de cada tradição.[...]; **grafismo de ação** representam cenas a partir dos anteriores grafismo de composição e nelas estão descartados os grafismos puros, que poderão formar parte do conjunto gráfico como atributos ou enfeites que acompanham ao grafismo de ação (Martin, 2005).

Essas informações são muito importantes para se entender à mente dos produtores da arte rupestre. E assim poder fazer levantamentos de hipóteses sobre esse grupo que viveu em um período muito ágrafo do nosso sem deixar nenhum vestígio escrito a não ser os grafismos geométricos semelhantes com os símbolos existentes nas ciências exatas, mas que não se pode afirmar que o seu significado seja o mesmo para o homem moderno.

Outro fator importante para o estudo da arte rupestre são as técnicas de pintura e gravura. A pintura geralmente é composta pela cor vermelha, embora se encontre, em

alguns painéis, a cor amarela e preta. A preparação das tintas tem a seguinte composição: óxido de ferro, sangue de animal e gordura vegetal (leite de plantas), tanto pela consciência correta para evitar corrimento, como pelo conhecimento de misturas naturais, os quais permitiram que grande parte das pinturas atravessassem os tempos que indelevelmente, sem perder as mesmas em alguns casos, o brilho original. Já as gravuras a técnica utilizada para a sua execução foram picoteamento e raspagem e para a pintura foi utilizado instrumentos de pequeno e médio porte e com os dedos.

Podemos perceber que com os dados colhidos existentes nos grafismos nos dá respaldo sobre o conhecimento do homem pré-histórico em que o mesmo já conhecia a técnica da escrita em forma de desenhos, ou seja, já representava o real através dos grafismos executado em blocos de rocha. E que desde sua existência o homem vive em constante contato com a natureza, com o ambiente, pois através dessa relação ele começa a se apropriar dos recursos da natureza, chegando a representá-la com traços, por meio de sua concepção dessa relação. Com o passar do tempo desenvolveu mais sua habilidade e começa a explorar a natureza com mais eficiência. O homem pré-histórico desenvolveu primeiramente a linguagem posteriormente à pintura, gravura, o uso das cores, a escultura, a cerâmica e demais produtos (Mithen, 2002). E essas mudanças só foram possíveis de serem aprimoradas porque o ser humano memória que é capaz de armazenar os fatos e acontecimentos ocorridos ao longo do tempo. A memória é um agente da reprodução social na construção cultural, enquanto instrumento da identidade, sistema organizado de lembranças de acordo com as mudanças ocorridas na história. Ela é importante também para o:

Documento e monumento como materiais da memória coletiva e histórica, salientado que ao destruir a memória se destruirá não só o passado, mas também o futuro. Porque a memória é que vai definir as relações humanas, em que o homem pode optar para o que se deve preservar ou não (Le Goff, 2003).

Assim a memória é um fator imprescindível para a arqueologia e para a preservação de qualquer civilização e ou sociedade primitiva. Podemos verificar também que a memória como:

Fluxo de transferência de informação em constante mutação quer seja individual ou coletiva participa do processo de construção da memória aproximando-se da noção de identidade buscando elementos que

possam permitir registros para a pesquisa histórica ou arqueológica tornando acessível através da cultura material (Azevedo Neto, 2003).

Dessa forma entendamos que é possível preservar a memória pré-histórica através do estudo da arte rupestre, uma vez que a mesma nos levanta informações que possibilita o entendimento do processo social, cultural político e econômico. A descrição do resultado da pesquisa nos possibilita conhecer o mundo do homem pré-histórico produtores desses grafismos, expondo de forma concreta nos suportes rochosos suas imagens mentais e a inserção ambiental dos sítios. É nesse prisma que se obtêm informações do cotidiano e assim construir a memória pré-história através desses grafismos.

Considerações Finais

Após realizar as leituras relacionadas a arte rupestre foi possível verificar que esse registro pré-histórico faz parte da história da humanidade e essa questão vem atualmente sendo abordada com mais ênfase no decorrer dos estudos focalizados para essa temática dos trabalhos ligados a pré-história que vem se destacando de forma bem aceita pela comunidade científico fenômeno da arte rupestre. Que passou a ser visto como um fenômeno que foi específico do paleolítico superior que teve seu crescimento e aceleração por quase todo globo. Para alguns estudiosos a arte rupestre foi instrumento de comunicação para outros uma forma de se expressar, ou seja, era a origem da arte primitiva. Para a arqueologia a visão é bem diferente exclui as duas visões acrescenta algo mais como: a segmentação distributiva dos espaços que compõe o sítio que está vinculado a um espaço sagrado o diferenciando do cotidiano espaço destinado para a socialização do grupo.

Para o arqueólogo o espaço não é revelado como indica Eliade (2008 b), ele é construído pelo grupo. Partindo dessa visão o arqueólogo trabalha na hipótese de que cada espaço construído determina um dado grupo que terá suas especificidades. Esse local é um espaço social, que segundo os arqueólogos, os artefatos que estão expostos não se encontram em arranjos de forma desordenada as exposições dos grafismos obedecem a uma determinação ordem social.

Além das formas de Informação mencionadas acima, a arte rupestre possui o caráter de fonte de informação de estruturas ritualísticas e cognitivas, como é demonstrado nos

trabalhos de Eliade (2008 b), Lévi-Strauss (2008) e de Mithem, (2002). No que diz respeito aos aspectos cognitivos, o processo de construção dos painéis fornece indicações a respeito de como agiam e se estruturavam as formas de saber da pré-história, por meio da identificação das formas que os signos assumem, na construção de um corpo simbólico coeso, como foi visto no trabalho de Mithem, (2002). Quanto aos aspectos ritualísticos, tem-se como referência o trabalho de Eliade (2008 b), Lévi-Strauss (2008), que procura delimitar as identidades culturais dos produtores das manifestações de arte rupestre, a partir da busca da representação do real e a busca do passado o tornando-o sempre presente através do mitos e rituais. As imagens nas paredes é uma forma de representar os elementos que compõem a natureza imitando-as para se aproximar do transcendente, ou seja, do criador. Pois o homem dentro de sua própria estrutura humana sentia a necessidade de está sempre na sacralidade.

Referências

AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de. Manual de arqueologia rupestre: uma introdução aos estudos da arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes. Florianópolis: Ioesc, 2002.

AZEVEDO NETO, Carlos Xavier de. Memória e Identidade: a representação através da cultura material. Caderno de Estudos e Pesquisas, São Gonçalo, n 19, 2003 p 13 – 24.

BRONOWSKI, Jacob. As origens do conhecimento e da imaginação. Tradução de Maria Julieta de Alcântara Carreira Penteadó: 2ª edição. Brasília: UnB. 1997. 85 p.

DUARTE, Patrícia. Arqueologia do Cariri. Delimitação e tipologia de sinalizações. Relatório do PIBIC, João Pessoa, 2006.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões; tradução Rogério Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2008 b.

_____. História das crenças e das idéias religiosas. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, p.34-38.

GASPAR, Madu. A arte rupestre no Brasil. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003.

GOMES, William. B. Primeiras noções da psique: das concepções animistas às primeiras concepções hierarquizadas em antigas civilizações. *Memorandum*, 7, 2004. Retirado em 12/03/2013, de: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/gomes01.htm>

GONÇALVES, Marco Antonio. O mundo inacabado: ação e criação em uma cosmologia amazônica. Etnografia piranha. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

LE GOFF, Jacques; História e Memória. 5ª ed. São Paulo: Unicamp. P. 419 – 471, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem; Trad. Tânia Pellegrini. Papirus: Campinas, 2008.

MARTIN, Gabriela, Pré-História do Nordeste do Brasil. 2ªed. Recife: Universitária/UFPE, 2005.

MITHEM, Steven. A pré-história da mente - uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Editora Edusp, 2002.